

A Literatura como caminho para o ensino das virtudes na Formação Humana

Tatiane Graciele Caetano Campos*, Conceição Solange Bution Perin**

Resumo

Este estudo tem o objetivo de investigar as contribuições da literatura para o ensinamento de valores e virtudes essenciais à formação humana. Elencamos como fonte de pesquisa a obra literária intitulada “Perceval ou O conto do Graal”, de Chrétien de Troyes, que narra a longa jornada de formação do jovem ingênuo do século XII para se tornar o melhor cavaleiro do mundo. Por meio da literatura, é possível observarmos os traços marcantes de uma sociedade medieval pujante, repleta de vícios e de pecados mundanos, e a luta para formar o homem virtuoso. Destarte, a literatura e seus ensinamentos ultrapassam a barreira do tempo e se configuram como essenciais para a formação humana, uma vez que a sociedade está sempre evoluindo e o homem está sempre buscando viver bem em sociedade, e um dos caminhos é abandonar os vícios e adotar hábitos virtuosos.

Palavras-chave: literatura; formação humana; virtudes.

Literature as a path to teaching values and virtues in Human Formation

Abstract

This study aims to investigate the contributions of classical literature to the teaching of values and virtues essential to human development. We have chosen as a source of research the classic work Perceval or The Tale of the Grail by Chrétien de Troyes, which narrates the long journey of formation of the naive young man of the twelfth century to become the best knight in the world. Through literature it is possible to observe the striking features of a thriving medieval society full of vices and worldly sins and the struggle to form the virtuous man. Thus, classical literature and its teachings overcome the barrier of time and are essential for human formation, since society is always evolving and man is always seeking to live well in society and one of the ways is to abandon addictions and adopt virtuous habits.

Keywords: classic literature; human formation; virtues.

La Literatura como camino para la enseñanza de las virtudes en la Formación Humana

Resumen

Este estudio tiene como objetivo investigar los aportes de la literatura a la enseñanza de valores y virtudes esenciales para la formación humana. Elegimos como fuente de investigación la obra literaria titulada Perceval o El cuento del Grial de Chrétien de Troyes, que narra el largo viaje de formación del ingenuo joven del siglo XII hasta convertirse en el mayor caballero del mundo. A través de la literatura es posible observar los rasgos llamativos de una próspera sociedad medieval llena de vicios y pecados mundanos y de la lucha por formar un hombre virtuoso. Por lo tanto, la literatura, y sus enseñanzas trascienden la barrera del tiempo y son esenciales para la formación

* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Professora da Rede Básica de Ensino vinculada à Prefeitura Municipal de Guaporema-Pr. Atualmente é membro do grupo de pesquisa GPENC pela UEM e GTSEAM pela UEM ambos na área da Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5237-9273>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3995799613408289>. E-mail: tatiane30camp@gmail.com.

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Atualmente é professora efetiva do colegiado de Pedagogia da UNESPAR e professora dos programas de Pós-Graduação PPIFOR/ UNESPAR e PPE/UEM. É líder do grupo de pesquisa GPENC e membro do GTSEAM ambos em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4033-270X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8838312470687058>. E-mail: solperin01@gmail.com.

humana, ya que la sociedad siempre está evolucionando y el hombre siempre busca vivir bien em sociedade y uno de los caminos es abandonar los vicios y adoptar hábitos virtuosos.

Palavras chave: literatura; formación humana; virtudes.

INTRODUÇÃO

A literatura embebida na tradição literária nos possibilita conhecer e analisar mudanças e permanências dos recursos comuns à arte da escrita e da organização da sociedade, além de propiciar a compreensão da função social da literatura, que investiga o contexto histórico-cultural do autor e/ou da narrativa apresentada, para refletir e problematizar eventos e fatos, entrelaçando diferentes períodos e perspectivas.

Ao elencarmos uma literatura do século XII, prezamos pelo imaginário popular que, ainda na atualidade, se deleita com as narrativas fabulosas, repletas de heróis e vilões, príncipes e princesas, mocinhos e bandidos em suas épicas batalhas entre o bem e o mal.

Destarte, elencamos, para nosso estudo, a obra literária *Perceval ou O conto do Graal*, do final do século XII, escrita por Chrétien de Troyes (1135-1183), que descreve a saga de um jovem ingênuo e sem instrução para se tornar o melhor cavaleiro do mundo, valendo-se apenas da sua vontade para iniciar esse processo. Ao longo da sua trajetória, o jovem descobre que deverá percorrer um longo caminho de conhecimento e formação, além de estreitar os laços religiosos para se reconciliar com Deus e, então, ser digno de tornar-se o melhor cavaleiro do mundo, ou seja, um cavaleiro virtuoso, ideal para ser exemplo para a sociedade.

Desse modo, entendemos a literatura como um recurso didático, um instrumento capaz de nos instigar a refletir de que forma a literatura pode contribuir para a formação humana, na formação de valores e virtudes indispensáveis ao convívio social?.

Utilizamos o conceito clássico de formação humana fundamentado no ideal de Paideia¹, ou seja, um processo educacional e cultural que visa ao desenvolvimento integral do ser humano, buscando moldar o caráter, o corpo e a mente para criar um cidadão virtuoso e capaz de contribuir para o bem comum e conviver bem em sociedade (Jaeger, 1994).

Nessa perspectiva, o processo formativo é integral e permanente, sendo necessário ao longo da vida, caracterizando-se como uma necessidade humana que perpassa diferentes

¹ Paideia: “formação do homem grego, como base para uma nova consideração de conjunto do fenômeno grego. [...] do desenvolvimento do Estado, da sociedade, da religião e da filosofia, em uma ação recíproca entre o processo histórico pelo qual se chegou a formação do homem e o processo espiritual através do qual os gregos lograram elaborar o seu ideal de humanidade, da qual irradia a imorredoura ação dos gregos sobre todos os séculos” (Jaeger, p. 8, 1994).

períodos históricos, seja no passado, no presente ou no futuro. Por isso, a relevância de investigarmos a educação, as virtudes e a ética para a convivência social.

Acreditamos que algumas questões percorrem a história e se revelam como prioridades para a compreensão de atitudes e comportamentos individuais que interferem na vida coletiva. Por essa razão, é pontual esclarecermos que versamos sobre a formação educacional do homem na sociedade, os exemplos que cada um pode representar e a necessidade de refletirmos sobre nossa inserção e atuação nas relações sociais.

Para tanto, destacamos a literatura clássica, com a novela de cavalaria de Troyes, por sua relevância para a formação humana, destacando a formação ética, moral e espiritual do homem para o aperfeiçoamento da sociedade. O autor não se limitou à narração de uma aventura cavaleiresca apenas com seus feitos heróicos, ao contrário, expressou uma hábil e acertada caracterização psicológica dos personagens principais da ação, evidenciando a necessidade dos valores morais, éticos e virtuosos para a formação do cavaleiro ideal com base nos preceitos cristãos.

Candido (1972) afirma que o processo de formação humana está relacionado à literatura e possibilita, ao sujeito leitor, contínua qualificação de seu senso ético e estético. Mediante a experiência estética ocasionada pela leitura de uma obra de arte literária, o sujeito desperta e desenvolve sua criatividade, sentimentos e emoções, experimentando, da imaginação, atitudes e sensações que permeiam e constroem a realidade.

Por meio da literatura, nos são apresentados aspectos históricos de determinado período, ainda que rebuscado de um imaginário que mistura ficção com a realidade, que nos permite identificar costumes e valores de dada sociedade. Nesse sentido, o estudo da literatura e da arte pode ser esclarecedor, haja vista que, nas produções literárias e artísticas, o autor expressa ideias, comportamentos, valores e hábitos da sociedade em que está inserido, representando, por meio do imaginário, projeções e, até mesmo, contribuições para um futuro próximo.

O lugar que Carlos Magno ocupa nas canções de gesta, o nascimento do romance no século XII e o fato de ter assumido a forma de romance histórico (argumento antigo: cf. o nº 238 da "Nouvelle Revue Française", *Le roman historique*, 1972), a importância das obras históricas no teatro de Shakespeare [Driver, 1960] são testemunhas do gosto de algumas sociedades históricas pelo seu passado (Le Goff, 1989, p. 39).

Para o autor, a literatura reflete a imagem de determinada sociedade, seus aspectos socioculturais, políticos e econômicos, o modo como seus membros agem e pensam. Isso possibilita ao leitor compreender as características de dada sociedade e seu período histórico por meio das produções literárias e artísticas.

Consubstanciamo-nos em Le Goff (2005, p. 14) quando assinala que

Os heróis e maravilhas da Idade Média, tais como esta última os constituiu, venerou, amou e depois legou aos séculos futuros, nos quais eles continuaram vivos, transformando-se em uma combinação de alusões ao passado, adaptações ao presente e abertura com relação ao futuro.

Nessa direção, o passado é uma construção e uma reinterpretação constante. À medida que a sociedade se transforma, o passado é reavaliado e reinterpretado de acordo com as necessidades de determinado período histórico, caracterizando-se, também, como um fundo permanente no conceito de longa duração, uma vez que o passado tem um futuro que é parte integrante e significativa da história (Braudel, 1965).

As adaptações e releituras evidenciam como o mundo à nossa volta nos influencia naquilo que concebemos, criamos e produzimos artisticamente e na forma como apresentamos o trabalho artístico, seja um exemplo de arte bastante recente, como um jogo eletrônico, ou um trabalho de arte mais tradicional, como um livro. Na Idade Média, o mesmo fenômeno acontecia. Era comum que livros ligados à lenda do Rei Artur e seus cavaleiros da *Távola Redonda* apresentassem em sua narrativa algumas inquietações e anseios dos autores que os escreveram (Alvim, 2014).

Ao propormos o estudo de obras literárias clássicas, devemos considerar que as representações de cavalaria nelas expressas estão embebidas de uma ideologia que visam ao ideal, em que a religião tem grande papel nessa construção. Os autores buscam, por meio de suas narrativas idealizadas, propor um modelo de comportamento e de virtude muitas vezes ausente na sociedade da época, e, portanto, podem não apresentar esse corpo social exatamente fidedigno com a realidade de seu período.

A importância da Literatura para a compreensão da sociedade no século XII

A literatura nos possibilita conhecer a organização da sociedade em diferentes contextos históricos, por meio da vivência de seu autor e da finalidade de sua obra, tornando-se uma fonte riquíssima de pesquisa e desenvolvimento.

Ao aprofundarmos nossa pesquisa na vida de Chrétien de Troyes (2017), descobrimos a relação deste com a nobreza do século XII, pois, como homem culto que era, viveu na Corte francesa onde escreveu uma de suas obras mais conhecidas, *Perceval ou O Conto do Graal*, a pedido do conde de Flandres, a quem fez uma dedicatória de cunho religioso, por considerá-lo um homem bom e justo, temente a Deus e aos princípios cristãos, mesmo em meio às adversidades de uma sociedade em desenvolvimento econômico e social.

Por meio da literatura, o autor homenageou o amigo, ressaltando, em seu personagem principal, características psicológicas e emocionais que enalteciam os valores e as virtudes presentes no comportamento do conde, mas que também deveriam ser repassados para a sociedade, instigando o imaginário popular e contribuindo para o aperfeiçoamento social. Ainda que o acesso aos livros estivesse restrito à nobreza, a literatura ganhava espaço nas praças públicas em declamações orais que percorriam toda a cidade, alcançando cada vez mais popularidade.

Le Goff (1992) sinaliza que a Europa presenciou o apogeu da expansão urbana com o crescimento das cidades: camponeses otimistas com a possibilidade de comercializar sua produção se dirigiam às cidades e ali se instalavam, juntando-se a homens de diferentes ofícios. Esse movimento social citadino propiciou, também, o fortalecimento da cristandade em meados dos séculos XII e XIII.

As cidades que tiveram início no interior das muralhas dos castelos e mosteiros ganhavam cada vez mais território e se expandiam, tornando-se alguns dos principais centros econômicos do período. Nesse processo de expansão, destacamos a importância da relação entre o campo e a cidade. Muitos camponeses passaram a cultivar suas terras para alimentar a população urbana e, com isso, essa população citadina, alimentada pelos camponeses, se desenvolvia e absorvia os trabalhos oferecidos no interior da cidade.

Nessa dinâmica, os camponeses também eram envolvidos pelas transformações urbanas, e, à medida que as cidades cresciam, crescia também a necessidade de se aumentar a produção agrícola e a posse de terra.

A cidade medieval era bastante penetrada pelo campo. Os citadinos levavam uma vida semi-rural no interior das muralhas que abrigavam vinhas, jardins e mesmo prados e campos, com gados, estrume e excrementos. [...] Ser citadino ou camponês era uma das grandes linhas de clivagem da sociedade medieval (Le Goff, 2005, p. 294).

Observamos a diferença entre os homens que cultivavam suas terras no isolamento dos prados, apenas em contato com a natureza, e aqueles que cultivavam suas terras nos espaços urbanos, muitas vezes apoiados pelo abade do mosteiro situado na cidade. A mudança no comportamento dos homens citadinos pode justificar o crescimento do número de abadias e mosteiros nos espaços urbanos, era fundamental formar esses homens para conviverem em sociedade, ficando, para os religiosos, a missão de disseminar a necessidade de os homens se afastarem dos vícios mundanos e se dedicarem ao cultivo da terra, favorecendo, assim, o desenvolvimento de novas técnicas de produção.

Le Goff (1992, p. 4) afirma que a cidade “[...] estabelece sua imagem e constrói seu imaginário e sua ideologia”. Ao se referir à cidade com uma identidade própria, o autor indica uma nova dinâmica social presente no interior daquela, o que contribuiu para o princípio de uma mudança nas relações sociais, um novo modo de pensar e viver em comunidade.

Ao analisarmos o contexto histórico de Chrétien de Troyes, percebemos as inúmeras transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais a sociedade estava passando, o que nos leva a pensar na urgente necessidade de reorganização dessa nova estrutura social que se apresentava e como reaproximar os homens medievais do conceito de formação humana apresentado na Paideia, ou seja, como formá-los com princípios e virtudes necessários para viverem bem em sociedade.

O trabalho com a terra e o contato com a natureza são destacados na literatura cavaleiresca de Troyes, indicando a preocupação deste com a formação moral do homem, pois corresponde ao início da formação do jovem cavaleiro, ou seja, no isolamento do campo e no cultivo da terra como os camponeses, o jovem estaria preservado dos vícios e poderia, pelos ensinamentos religiosos de sua mãe, fortalecer-se espiritualmente para enfrentar as tentações mundanas, uma vez que possuía uma grande missão: a de encontrar o *Santo Graal* e salvar a vida do seu tio, o rei Pescador (Troyes, 2017).

Observamos o cunho religioso na literatura clássica em questão, ou seja, a formação virtuosa e ética de um jovem com a finalidade de encontrar o Cálice Sagrado, capaz de operar o milagre da cura. Desse modo, o autor propôs, para o seu período histórico, não só uma literatura heroica com grandes feitos cavaleirescos, mas uma obra literária que,

compreendendo as transformações sociais, pudesse contribuir para a formação humana e, conseqüentemente, para uma nova organização social.

De acordo com Duby (1994), à medida que a cidade crescia e as relações socioeconômicas se transformavam, houve a necessidade de uma nova organização social. Assim, a sociedade se reorganizou e se tornou uma sociedade tripartite, representada por sacerdotes, guerreiros e camponeses, todos a serviço da fé, ou seja, ligados à cristandade.

Os sacerdotes compunham o clérigo, os homens que cuidavam das orações e de manter a fé e a cristandade. Nesse grupo se incluía a nobreza. Os guerreiros eram os cavaleiros, os *milites*, responsáveis pela segurança das outras duas ordens, em especial, a proteção dos reinos, ofício que lhes rendia recompensas e honrarias. E os camponeses eram responsáveis por alimentar as outras duas classes. Percebemos a relação de interdependência entre os ‘grupos’, ao mesmo tempo que se constituem como três ordens distintas entre si.

Foi provavelmente a compreensão dessas mudanças sociais ocorridas na Europa ocidental, mais especificamente na Gália (França), região de origem de Chrétien de Troyes, que influenciou a obra desse autor e o fez propor uma novela de cavalaria centrada nas virtudes e na formação moral do homem, pautada nos princípios cristãos², que, em sua visão, deveriam estar presentes na sociedade que se constituía.

Conforme a época, a cristandade medieval insistia ou na imagem positiva do homem, ser divino, criado por Deus à sua semelhança, associado à sua criação [...], chamado a encontrar de novo o paraíso perdido por sua culpa, ou na sua imagem negativa, a do pecador, sempre pronto a sucumbir à tentação, a renegar Deus e, por conseguinte, a perder o paraíso para sempre e mergulhar na morte eterna. [...] ao passo que a partir dos séculos XII e XIII, tende a dominar a imagem otimista do homem, reflexo da imagem divina, capaz de continuar a criação na terra e de se salvar (Le Goff, 1989, p. 11).

Podemos perceber que, em um longo período da Idade Média, o homem foi julgado por seu pecado original, ou seja, por ter desobedecido a Deus e comido o fruto proibido (seduzido pelo pecado), como apresenta o livro de Gênesis sobre o início da criação. Esse comportamento, tido como negativo diante da ordem divina, contribuiu para que a Igreja caracterizasse o homem por sua fraqueza e sua inclinação para os vícios, sendo necessário buscar a salvação por meio da oração e da penitência.

² Um dos principais princípios cristãos é amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo. O homem cristão deve ser temente a Deus e agir de forma ética e virtuosa em busca do bem coletivo para alcançar a verdadeira felicidade (Santo Agostinho, 1999).

Nesse intuito de promover a salvação e retomar a figura humana como imagem e semelhança de Deus, a Igreja investiu em uma formação espiritual capaz de transformar o corpo e o espírito, e os eleitos para disseminar e propagar a salvação eram os sacerdotes representados pelos bispos, padres seculares, frades e monges, herdeiros legítimos da doutrina cristã. Estes últimos, para serem dignos da nobre missão, viviam isolados em mosteiros, embebidos de um ideário de disciplina e obediência a Deus, pois acreditavam que somente assim conseguiriam a sua salvação e a dos outros (Le Goff, 1989).

A Igreja fundamentada nas Escrituras Sagradas evidenciou a contradição da figura de homem bom ou mau caracterizada, pelo cristianismo, como a luta do bem e do mal e centralizada na imagem do próprio Cristo, e possibilitou, ao pecador, uma via de salvação, sendo o próprio Cristo essa via, que, ao assumir o pecado da humanidade e se redimir com o ato da crucificação, permitiu ao homem se reconciliar com Deus.

Esse caminho formativo para a salvação do homem foi exposto na literatura por Troyes e evidenciou a necessidade de se educar o corpo e o espírito, pois a formação do homem deveria contemplar a sua totalidade, e, portanto, seu desenvolvimento integral.

Segundo Jaeger (1994), uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e do interior, formas melhores de existência humana, destacando a necessidade de formar o espírito, a mente, para a construção de uma sociedade melhor. A Igreja propunha alcançar esse feito por meio do cristianismo, que se disseminava cada vez mais rápido por toda a Europa medieval.

A obra literária descreve essa formação espiritual, destacando a importância das duas concepções de homem medieval – o *homo viator* (homem em marcha) e o homem penitente –, ambas presentes no processo formativo de Perceval.

O homem medieval era tido como um peregrino em potencial; os que não iam para as procissões em lugares sagrados peregrinavam em função de seus ofícios, principalmente com a expansão do comércio. Muitas foram as rotas e estradas terrestres ou marítimas percorridas para se transportar mercadorias dos mais diferentes lugares, o que contribuiu,

também, para a proliferação da cristandade e da miscigenação de diferentes culturas e línguas, caracterizando o espírito peregrino do homem (Le Goff, 1989).

O homem da Idade Média estava sempre pronto, apto para cumprir uma penitência, pois acreditava que esse seria o principal meio de se reconciliar com Deus e ser digno da salvação, mesmo que sua penitência não fosse das mais severas, como a autoflagelação, muito comum em algumas ordens religiosas, ou a flagelação privada ou pública, para mostrar, diante da população, o desejo de se purificar e chegar a Cristo.

Esse fortalecimento da cristandade na Europa medieval do século XII constitui-se como a base da literatura da Chrétien de Troyes, a ponto de este escolher como protagonista de sua obra um jovem puro e ingênuo, pronto para ser educado nas virtudes e valores cristãos para torna-se o melhor cavaleiro do mundo, ou seja, um cavaleiro cristão, *Mille Cristins*³, e cumprir a missão, tornando-se um exemplo para os demais.

Nesse processo de formação de Perceval para tornar-se o melhor cavaleiro do mundo, o autor destacou a importância da religião e da necessidade de reconciliação com Deus, indicando que a sociedade estava tomando um rumo perigoso, por meio dos vícios mundanos, o que a afastava do verdadeiro propósito da vida terrestre: aproximar-se e reconciliar-se com Deus para ganhar a salvação e, conseqüentemente, a vida eterna.

Nesse intuito, destacamos o papel da religião, por meio da figura do Ermitão, sinalizando a última etapa da formação de Perceval e da construção moral e religiosa do que viria a ser um exemplo de homem para a sociedade do século XII e a importância da penitência e da reconciliação com Deus para esse processo.

O papel da religião no duelo entre a virtude e o vício

No contexto de Chrétien de Troyes, por volta de 1181, o eremitismo se desenvolveu com base no ideal de vida apostólica, marcada pela vontade de um retorno à pureza original do cristianismo por meio de três vertentes: a primeira advinda da pregação, geralmente dirigida aos grupos mais necessitados espiritualmente, como os leprosos e as mulheres, ressaltando a questão da pobreza. A segunda que os eremitas estabelecessem vínculos com um mosteiro, e a última requeria uma vida de penitência e isolamento rigoroso. Como no Ocidente era difícil se

³ *Mille Cristins* quer dizer soldados de Cristo (Tanquerey, 1990).

encontrar desertos, os eremitas viviam em florestas isoladas ou montanhas de difícil acesso (Arruda, 2011).

Eremita ou ermitão, de acordo com Houaiss e Villar (2004, p. 293), “[...] é quem por penitência, ou vontade própria vive em um lugar deserto, isolado, longe do contato social”. O local de sua morada é designado eremitério ou ermida⁴. Dessa forma, os eremitas desejavam imitar rigorosamente os preceitos espirituais presentes no projeto de vida religiosa de Jesus.

Em decorrência do modo de vida selvagem, isolados da civilização, a aparência desses homens era rústica, assim como suas habitações. Vestiam-se com muita simplicidade, com pele de animais, usavam barba comprida, pés descalços e levavam consigo o cilício⁵ e o cajado. A austeridade de suas habitações era constatada por meio da escolha dos locais, geralmente de difícil acesso, como ilhas selvagens, bosques funestos e terras não desbravadas, buscando a simplicidade necessária para manterem contato com Deus (Le Goff, 2005).

Na literatura cavaleiresca, nos é apresentado um projeto de educação respaldado na formação humana e nos princípios cristão, caracterizando-se em um ideário de formação para os homens de seu tempo, ou seja, um homem bom e virtuoso, temente a Deus e à Igreja. Por esse motivo, o autor destaca a necessidade de se seguir fielmente o passo a passo para conquistar a salvação, apontando a procissão realizada por damas penitentes como o caminho que Perceval deveria percorrer, a fim de conseguir seu objetivo, advertindo para a necessidade de o jovem ficar atento aos sinais por elas deixados na floresta para que não se perdesse.

– Sir, quem quiser lá chegar, deve seguir direto por esse caminho: foi por ele que nós viemos! Seja no espesso bosque ou nas clareiras, é preciso ficar atento aos ramos que colocamos quando lá fomos. Pusemos tais sinais para que ninguém se perca no caminho (Troyes, 2017, p.145).

Ansioso para obter a redenção de seus pecados e libertar-se da culpa que o consumia, o jovem cavaleiro entrou na floresta e percorreu o caminho chorando, em um gesto de humildade e arrependimento, começando ali mesmo sua penitência. Esse fato demonstra o início da última etapa da formação do cavaleiro, quando o jovem tomou consciência de seus pecados e deles se arrependeu profundamente, buscando a penitência para sua salvação.

⁴ Ermida é uma igreja ou capela de pequena dimensão, normalmente localizada fora das povoações ou em lugares ermos (Dicionário de Língua Portuguesa, 2007).

⁵ Cilício era uma túnica, cinto ou cordão de crina que se trazia sobre a pele para mortificação ou penitência. O termo vem do latim *cilicinus*, que significa feito de pelo de cabra, ou *cilicium*, tecido áspero ou grosseiro de pelo de cabra ou vestido de gente pobre (Tanqueray, 1990).

De acordo com Veyne (1989), o que distingue essa nova forma de penitência, aceita no Concílio de Chalon-sur-Saône na França, do modelo antigo de penitência é a sua reiterabilidade, ou seja, o pecador, por meio da penitência, recebe a remissão de seus pecados e ganha a salvação.

Esse rito litúrgico deixou de ser um ato público e tornou-se mais privado em suas três fases. Na primeira, o pecador inicia o rito apresentando-se ao sacerdote e confessando seus pecados privadamente; o sacerdote impõe as penas adequadas a cada pecado, por isso é conhecida como penitência tarifada ou taxada.

Na segunda fase, o penitente é excluído da comunhão eucarística por dias, meses e até anos e deve fazer as obras de penitência: jejum a pão e água, mortificações corporais, vigílias corporais, recitação de orações, especialmente dos Salmos, etc.

Na terceira e última fase, quando o penitente cumpre as obras de penitência que lhe foram atribuídas, volta uma segunda vez ao encontro de seu confessor e recebe a absolvição em privado, podendo, então, novamente, participar da santa eucaristia (Veyne, 1989).

Essa nova forma de penitência rapidamente se tornou mais frequente e mais generalizada no Ocidente por se estender a pecados menos graves e promover a reconciliação com Deus sem envolver os interditos que marcavam o pecador socialmente por toda a vida. A esse respeito, Llull (2000, p. 15) pondera que

Amor e temor convêm entre si contra desamor e menosprezo e por isso, convêm que o cavaleiro, por nobreza de coragem e de bons costumes, e pela honra tão alta e tão grande que lhe foi feita por eleição, e pelo cavalo e pelas armas, seja amado e temido pelas gentes, e que pelo amor retornassem à caridade e ensinamento, e pelo temor retornassem a verdade e a justiça.

Por meio do amor e do temor a Deus, o cavaleiro deveria conhecer e honrar a sua Ordem, demonstrando isso com ações, valores e virtudes dignos de serem tomados como exemplo, consagrando-o como modelo de comportamento para os homens daquele período.

Troyes (2017) destaca a relevância da penitência e da confissão para os homens do seu tempo, ao descrever, com riqueza de detalhes, o momento que seu personagem busca a salvação. Assim, Perceval buscou e encontrou o ermitão no interior de uma capela, na companhia de um padre e um membro do clero em profunda oração. Ao vê-lo, o jovem se ajoelhou e, com o rosto embebido em lágrimas, mostrou-se na mais sincera humildade, comovendo o ermitão, que o chamou para perto de si.

Ao sentir-se culpado perante Deus, Perceval implorou aos pés do ermitão que este o aconselhasse, pois necessitava muito disso. O homem, porém, declarou que era necessário confessar, porque nenhum perdão teria se não admitisse e se arrependesse de suas faltas. E assim o fez Perceval; o ermitão, após ouvir a confissão de Perceval, afirmou que este não fora capaz de realizar a pergunta fundamental sobre o *Santo Graal* por ter pecado, causando a morte da mãe ao abandoná-la. Nesse excerto, o autor releva a imagem de cavaleiro necessária para realizar tamanha missão: um cavaleiro íntegro, puro e cristão.

Mediante a ficção literária, adentramos em um mundo de fantasia e imaginação que mistura figuras lendárias, como o do cavaleiro medieval, com ensinamentos essenciais para qualquer convívio social. Independentemente do seu período histórico, no percurso formativo do cavaleiro cristão, está o projeto de educação cristã apresentada pela Igreja aos homens do século XII, mas que transcende a barreira do tempo e caracteriza-se com um ideário de educação humana ao longo do tempo.

Para Candido (1972, p. 67), “[...] o processo de formação humana está relacionado com a literatura e possibilita ao sujeito leitor uma contínua qualificação de seu senso ético e estético”. Mediante a experiência estética ocasionada pela leitura de uma obra literária, o homem desperta e desenvolve sua criatividade bem como seus sentimentos e emoções.

Ao ler a novela cavaleiresca de Troyes e conhecermos as “façanhas” do jovem Perceval em seu processo formativo, experimentamos sentimentos e emoções, além de refletirmos sobre ações e comportamentos adequados ou não para o convívio social e para as leis da igreja. Sendo assim, as criações fictícias e poéticas podem atuar de modos subconsciente e inconsciente operando uma espécie de inculcamento que não percebemos, transformando o nosso modo de pensar e agir.

Destarte, voltemos à obra literária de Troyes e ao processo formativo apresentado pelo autor. Após sua confissão, o jovem Perceval soube que o ermitão e o pai do Rei Pescador eram seus tios, irmãos de sua mãe, esclarecendo-se, assim, o parentesco e os objetivos de sua formação. A vida de Perceval fora preservada para que ele pudesse cumprir a sua missão, e seus ensinamentos foram conduzidos primeiramente pela mãe e depois pelo mestre para formar um novo cavaleiro, embasado no ideal de cavalaria que a Igreja almejava formar.

Dessa forma, a literatura clássica foi usada como um instrumento para o ideário cristão, que propunha um projeto de educação com um novo modelo de homem para a sociedade, em um período no qual esta se encontrava em meio a grandes transformações, entre elas, a expansão do cristianismo, e, portanto, estava ávida por um novo caminho.

O cavaleiro medieval permeava o imaginário dos homens com sua bravura e coragem, e era necessário reconciliá-lo com Deus, colocá-lo a serviço da Igreja, incutindo-lhe os princípios cristãos necessários para se tornar um verdadeiro exemplo de comportamento, contribuindo, também, para a manutenção do cristianismo e o fortalecimento da Igreja.

Segundo Candido (1972), o homem tem a necessidade de apropriar-se da linguagem literária, pelas vias oral, escrita ou visual, sob formas curtas e elementares, ou sob formas complexas e extensas. A necessidade de ficção se manifesta constantemente, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de papite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. Assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, da qual a literatura é uma das modalidades mais ricas.

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada na função da literatura (Candido, 1972, p.6).

Entendemos que a literatura clássica cumpre papel primordial na sociedade emergente, ao apresentar um novo modelo de homem, ou seja, um projeto educacional centrado na figura do cavaleiro medieval, que fazia parte do imaginário popular desde a Antiguidade e que na Idade Média assumia um novo lugar, o de guardião e protetor da Igreja, com valores cristãos indispensáveis aos cavaleiros de Cristo, por isso a necessidade de se reconciliar com Deus e retomar os princípios cristãos esquecidos pela sociedade.

Ao descrever o processo que levou Perceval à reconciliação com Deus, Chrétien de Troyes frisou o papel do sacramento da penitência e sua grande relevância para a sociedade do século XII. Vislumbrando as inúmeras transformações com o crescimento das cidades, o desenvolvimento do comércio e das universidades, era natural que, em meio a esses acontecimentos, o povo se esquecesse de Deus, assim como fez Perceval ao vagar pelo deserto.

A literatura mostra que era possível se reconciliar com Deus e seguir novamente o caminho da fé cristã e da Igreja por meio do sacramento da penitência e da eucaristia, desde que

o homem se arrependesse verdadeiramente de seus pecados, tornando-se digno de encontrar a salvação.

A formação de Perceval tinha uma intenção: seu processo formativo fora pensado para atingir a perfeição, o ápice dos valores morais e éticos fundamentais à nova sociedade.

Em Perceval, vemos um novo modelo de cavaleiro sendo formado, um guerreiro que não lutava mais apenas para conquistar glória e os amores de belas donzelas, mas incorporava, também, os cunhos moral e espiritual destinados ao aperfeiçoamento da sociedade em que vivia, com valores cristãos a serviço da Igreja.

Perceval é a materialização do ideário cavaleiresco, mostrando, para a sociedade, que a formação do cavaleiro não se resumia ao aprendizado do manejo das armas e da arte de bem montar. Que os ensinamentos transmitidos pela mãe de Perceval e por Gornemant, o mestre, foram essenciais para se esclarecer que o Código da Cavalaria exigia, também, a observância de uma série de preceitos bastante rígidos, pautados na moral e nas virtudes.

Nessa perspectiva, ao cavaleiro cabia socorrer os mais fracos e necessitados, além de servir a Deus; deveria ser misericordioso e leal no combate, sem recuar diante de um desafio ou faltar à palavra dada; também era necessário ser prudente e não ser leviano falando demais, atitudes e ações ausentes na sociedade que deveriam ser resgatadas com urgência (Llull, 2000).

No decorrer da obra de Troyes, verificamos o Código de Cavalaria imposto posteriormente aos Cavaleiros Templários sendo ensinado ao jovem Perceval em todo o seu percurso formativo. Percebemos Perceval colocando-os em prática em suas ações, transformando os ensinamentos virtuosos em ações e, conseqüentemente, em hábitos virtuosos, o que se esperava de um verdadeiro cavaleiro cristão, revelando a eficácia da formação humana.

Le Goff (2013) acentua que o real e o imaginário estão presentes na contrução do herói medieval, assim, a propagação de um modelo de conduta social do cavaleiro, apresentado em alguns momentos como destemido, valente, protetor e responsável por seus atos, é exaltada e referenciada como exemplo a ser seguido em todas as civilizações, materializando-se no novo conceito de herói, um herói virtuoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a literatura clássica nos apresenta um modelo de formação humana respaldada em virtudes e valores morais e éticos que são aumejados em qualquer sociedade, caracterizando-se em um verdadeiro projeto educacional para as futuras gerações.

Ao destacar os princípios cristãos ausentes na sociedade cavaleiresca, Chrétien de Troyes chama a atenção para o constante duelo entre as virtudes e os vícios e como o homem necessitava de uma formação integral e contínua para escolher o caminho do bem, ou seja, do bom convívio social. Dessa forma, o autor eleva seu personagem principal à condição de um modelo educacional, uma vez que, ao concluir sua formação e manter-se virtuoso frente aos assuntos profanos, Perceval consagrar-se-ia em um modelo de comportamento a ser seguido pela sociedade, sendo reconhecido como um herói nacional.

O aperfeiçoando do comportamento humano, representado pelo Perceval na narrativa literária, demonstra a necessidade pujante de formação contínua do homem e perpassa diferentes períodos históricos, constituindo-se como um fundo permanente ao longo do tempo. Essa educação está pautada nas necessidades políticas, econômicas e sociais de cada período, contribuindo para o desenvolvimento e a ascensão da sociedade.

Nesse sentido, por meio da literatura é possível conhecermos e nos apropriarmos de ensinamentos que permeiam gerações e se constituem essenciais até a atualidade, ato este que pudemos observar na literatura de Chrétien de Troyes, na França do século XII, compreendendo o contexto histórico vivido pelo autor, seus anseios e dificuldades. Ao analisarmos a história do jovem Perceval, verificamos a necessidade de uma formação moral e espiritual e as dificuldades que esse homem enfrentou para se tornar bom e virtuoso.

Ao sermos instigados pela literatura a buscar o contexto do autor, observamos que a sociedade passava por transformações econômicas e sociais significativas com o crescimento das cidades e a expansão do comércio, além do surgimento de um novo estamento social com o fortalecimento e o enriquecimento dos burgos, o que posteriormente deu origem à “burguesia”, ameaçando a soberania da nobreza.

Adentramos a história medieval e conhecemos, ainda que de forma sucinta, traços da sua estrutura e organização, dos seus anseios e ideários, o que provocou em nós a reflexão de que a sociedade esteve, está e sempre estará em constante transformação e que cabe à educação, aqui retratada por meio da literatura, formar o homem para preservar a humanidade.

No medievo, a Igreja assumiu papel de destaque na organização social e influenciou, por meio de seus mandamentos, o comportamento humano, e a figura do cavaleiro cristão, exaltada pela Igreja, ganhou cada vez mais visibilidade na sociedade, conquistando um lugar na nobreza, ascendendo para o *status* de nobres guerreiros de Cristo, fortalecendo a cristandade por toda a Europa medieval.

A relevância da formação humana demonstrada pela literatura no processo educacional do cavaleiro escolhido para se tornar um modelo ideal de virtude para a sociedade francesa do século XII não se constituiu de forma rápida. Pelo contrário, mostrou ser uma formação integral e contínua para toda a vida, que deve se iniciar quando criança e permanecer até a velhice, uma vez que escolher as ações virtuosas que culminem para o bem não é tarefa fácil, visto que as paixões e os pecados acometem a alma humana, demandando grande esforço para desvencilhá-la e seguir no caminho das virtudes, transpondo a barreira do tempo e caracterizando-se como elemento essencial para a preservação da humanidade.

Portanto, a literatura desenvolve em nós uma parcela de humanidade à medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante e as complexas relações que envolvem o convívio humano.

O modelo ideal de homem apresentado para a sociedade francesa do século XII como um cavaleiro cristão, virtuoso e moralmente bom, capaz de atitudes generosas que culminassem para o bem comum, foi considerado um modelo medieval, entretanto o que podemos entender é que ser bom, ter humanidade e pensar no coletivo não é uma questão medieval, ela é atemporal, pois, seja no passado, no presente ou, possivelmente, no futuro, sempre haverá a necessidade da formação moral e espiritual do homens para que estes conheçam as virtudes e se comportem de forma virtuosa na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Victor Reis Chaves. **As representações da cavalaria em Perceval ou O Conto do Graal, de Chrétien de Troyes**. 2014. 122 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60199>. Acesso em: 25 maio 2024.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261-294, abr./jun. 1965. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422/119736>. Acesso em: 20 maio 2024.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Ermida**. 2007. Disponível em: <https://www.portoeditora.pt/noticias/dicionario-da-lingua-portuguesa-gratuito-na-internet/759>. Acesso em: 29 abr. 2024.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUBY, George. **História da vida privada 2: da Europa Ocidental a renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

LE GOFF, Jaques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LLULL, Ramon. **O livro da ordem de cavalaria (1279-1283)**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Llúllio” (Ramon Llull), 2000.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de teologia ascética e mística**. Madri: Ediciones Palabra, 1990.

TROYES, Chrétien de. **Perceval ou O Romance do Graal**. Tradução de Marly Segreto. São Paulo: Polar, 2017.

VEYNE, Paul. **História da vida privada 1: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1989.

Recebido em: Junho/2024.

Aprovado em: Julho/2025.